

**PSICANÁLISE E LITERATURA: BREVE ENTREVISTA COM LUCIA CASTELLO  
BRANCO**

*LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS: AN INTERVIEW WITH LUCIA CASTELLO  
BRANCO*

Sandro Adriano da Silva<sup>i</sup> 

**ENTREVISTA**

**Submetido em:** 28.10.2024

**Aceito para publicação em:** 04.11.2024



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

---

<sup>i</sup> Graduado em Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Mestre em Letras – Estudos Literários – Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Doutorando em Letras – Estudos Literários – Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor efetivo de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura – Universidade Estadual do Paraná (Unespar). *E-mail:* sandro.silva@ies.unespar.edu.br.

## APRESENTAÇÃO

Lucia Castello Branco é escritora, psicanalista e professora. Formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Literatura Luso-Brasileira pela Indiana University e doutorado em Estudos Literários pela UFMG. Realizou três pós-doutorados em Literatura Comparada e Teorias Psicanalíticas. É Professora Titular de Estudos Literários da UFMG e, atualmente, integra o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Letras da UFMG (POSLIT) e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA (PPLitCult), onde é professora visitante. É autora de diversos títulos, dentre romances, contos, literatura infanto-juvenil e ensaios, nas áreas de literatura e psicanálise, dentre os quais destacam-se: *Nenhum orvalho sobre a cidade* (2016); *Maria Lua da minha escuridão* (2015); *Preces para a amiga submersa e O menino e a lágrima de Vênus*, ambos de 2012; *Chão de Letras: as literaturas e a experiência da escrita* (2011); *Livro de asas: para Maria Gabriela Llansol* (2008), com Vania Baeta Andrade; *Nick Cão: o fim* (2007); *O amor não vazará meus olhos* (2006); *A mendiga* (2005); *Contos de amor e não e A menina e a bolsa da menina*, ambos de 2004; *A mulher escrita* (2004), em coautoria com Ruth Silviano Brandão; *Nunca mais* (2000); *A falta* (1997); *O que é escrita feminina* (1991); *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro* (1985). Na área da filmografia, dirigiu o documentário poético *Língua de Brincar*, sobre Manoel de Barros e *Redemoinho-Poema*, sobre Maria Gabriela Llansol. Recentemente, organizou os ensaios que compõem *Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise* (2020); em 2024 relança, em um único volume, *O que é escrita feminina, Feminino de ninguém: exercícios de aproximação e O terceiro sexo*.

Nesta brevíssima entrevista, realizada por *e-mail*, cuja versão enviada à entrevistadora contava com outras questões, e tendo sido facultada a seleção de perguntas que julgasse merecer mais atenção, Lúcia Castello Branco tangencia alguma das aproximações e distanciamentos entre os dois campos pelos quais ela transita – psicanálise e literatura -. Passa em revista algumas concepções da letra lacanaiana e trata sucintamente de alguns de sua obra literária.

\*

**Sandro Adriano da Silva<sup>1</sup>**: Lacan (2009, p. 106), em seu ensaio *Lituraterra*, afirma: “A evocação de um texto de Dostoievski por Freud não basta para dizer que a crítica dos textos,

---

<sup>1</sup> Nas próximas ocorrências, este nome será representado pelas siglas S.A.S.

reserva de caça, até hoje, do discurso universitário, tenha recebido da psicanálise mais alento”. Com isso, teria querido dizer que a crítica literária não recebeu nada substancial da Psicanálise e que esta não conduz, por si mesma, a qualquer juízo literário? Passados mais de cinquenta anos da provocação, a literatura e a Psicanálise se amalgamam na produção crítica, especialmente do lado dos estudos literários. Em entrevista à Ayanne Sobral, você retoma, inclusive, esse texto de Lacan para defender um “saber em fracasso” (Castello Branco, 2023, p. 28), na relação entre literatura e Psicanálise. Você acredita numa convergência entre literatura e psicanálise, no sentido de haver um nível ou dimensão específica da escuta psicanalítica que se relaciona com a produção literária? E (ou em outras palavras) em que medida a literatura de autoria feminina poderia esclarecer-nos sobre o que constitui essa escuta?

**Lucia Castello Branco**<sup>2</sup>: Não penso que Lacan, em “Lituraterra”, afirme que “a crítica literária não recebeu nada de substancial da Psicanálise”. Primeiro, porque Lacan não é crítico literário e não tinha domínio do que se produzira na área, até então, para tal afirmação. Depois porque, sendo declaradamente admirador de Shoshana Felman, na mesma época em que proferiu o Seminário 18 (em que a lição “Lituraterra” está inserida), ele não afirmaria isso. O que ele quer dizer, parece, tem a ver com uma certa primazia que alguns podem desejar conferir à Psicanálise para que ela seja uma espécie de chave de leitura para o texto literário. O que ele diz, afinal, é que o psicanalista não deve bancar o crítico, quando o artista lhe desbrava o caminho. Isso é rigorosamente freudiano, embora se possa dizer que, em dado momento, Freud ainda tenha feito algo da “psicanálise aplicada” e não exatamente da “psicanálise implicada” com o texto literário, como Shoshana Felman defende. De toda maneira, a genialidade de Lacan está em trazer essa ideia de “saber em fracasso”, que não se confunde com o “fracasso do saber” e que deve ser lida como uma “estrutura em abismo”, em que algo se produz num movimento abissal do saber. Nessa direção, creio, sim, na convergência entre literatura e psicanálise, mas creio também no atrito entre esses dois campos, que pode fazê-los avançar. Aliás, isso não é mesmo uma questão de crença, mas de experiência, já que atuo nos dois campos, mas isso também não se “reduz” ao encontro de uma escuta com uma escrita, mas talvez se amplie para o encontro das duas escritas – a da psicanálise com a da literatura. A literatura de autoria feminina pode nos oferecer um bom material para verificarmos esse encontro, na mesma medida em que as históricas ofereceram a Freud um bom material para a construção da psicanálise. Mas isso

---

<sup>2</sup> Nas próximas ocorrências, este nome será representado pelas siglas L.C.B.

também não se reduz ao texto das mulheres, tampouco a mulher é sinônimo de histeria. Trata-se, antes, de uma posição feminina no texto e é isso o que tento desenvolver em meus trabalhos.

**S.A.S.:** Você sugere que a metáfora conceitual, *feminino de ninguém*, de Llansol, possa ter tomada no sentido de um além- falo (essa pedra de tropeço para uma psicanálise feminina?), talvez em busca de um “terceiro sexo” – título, aliás, de uma de suas últimas obras (Castello Branco, 2023). Como sói ocorrer na escrita de Llansol, parece que aqui há uma volta do mito, dessa vez, ao mito platônico da androginia. Em outro momento do texto, você comenta a criação de Aossê, figura llansoliana “metamorfoseada a partir de Fernando Pessoa” (p. 23), a partir da qual um *feminino de ninguém* pode ser lido. Nesse caso, em particular, ainda se pode pensar num incontornável tributo ao falo?

**L.C.B.:** Não sei bem como você pode derivar essa ideia de “tributo ao falo”, a partir da figura llansoliana de Aossê. Aliás, Aossê não é uma “persona”, é uma figura. Estaria antes mais próximo de um “personne”, um ninguém, se quiséssemos, extraindo um dos biografemas mais fortes de Fernando Pessoa – o “ninguém” – partir para a construção do “feminino de ninguém”, que, no texto de Llansol, não é uma metáfora conceitual, mas também uma figura que aparece apenas uma vez em sua obra. No meu texto, também não se trata de uma metáfora conceitual, mas antes de um conceito-fulgor, como o poeta Paulinho Assunção o nomeou. Porque é um conceito sempre em “desfazimento”, que irradia, mas não se fecha como conceito. É antes um operador de leitura, que me permite ler não só a obra de Llansol como a de outros autores (e aqui penso em homens, mulheres, trans etc), que trazem essa dimensão de um terceiro sexo, na abertura dos corpos para o sexo da paisagem. Então, não se trata de um “incontornável tributo ao falo” – “o homem tem que renunciar ao poder, e a mulher ao homem”(Llansol) -, mas antes de uma inegável posição feminina em direção ao Aberto.

**S.A.S.:** Tomada em conjunto, sua obra literária parece amalgamada pela temática amorosa. *Nunca mais* (2000), por exemplo, põe em cena mormente personagens femininas (Sofia, Alice, Joana, Celeste, Marina, entre outras não nomeadas). Por um lado, são figurações de um feminino, como propõe Lacan, no *Seminário 8*, que assume uma postura “ativa” na dialética do desejo – e presença de personagens masculinos “apagado” (“Nunca homem nenhum se aproximara dessa ordem de grandeza”, para lembrar o conto “Parapeito amar”, de *Terceiro sexo*) intensifica essa imagem. Por outro lado, o *medo* de amor é posto em evidência numa espécie de discurso melancólico. Como pensar o *amor* nesse regime de frustração?

**L.C.B.:** Não sei bem a que “espécie de discurso melancólico” você se refere ao fim da sua pergunta, tampouco a que medo de amor você se refere. Acontece de meus textos – literários e teóricos – se voltarem muito para a questão do amor. Isso é evidente desde meu primeiro livro teórico – *O que é erotismo*— e aparece mesmo no título de alguns de meus livros: *Contos de amor e não*, *O amor não vazará meus olhos*. Em todos eles há uma aposta no amor, mas uma aposta num amor não simbiótico, que não é essa tolice do “nós dois somos um só”, mas antes a afirmação de uma solidão que encontra a outra. E isso não é simples. É bonita a leitura que Lacan faz, no *Seminário 8*, da versão do amor que, no *Banquete*, de Platão, aparece como sendo a de Diotima, única mulher ali referida por Sócrates. É a versão de Poros e Penia, e Lacan localiza aí a “atividade” na mulher, como se, no nascimento do Amor, fosse a mulher o elemento ativo, pois Penia – a que não tem nada a dar – se faz engravidar por Poros, que estava embriagado. Daí Lacan deriva que “amar é dar o que não se tem” e situa essa espécie de amor no campo do feminino e, no *Seminário 8*, sobre a transferência, este é o amor de transferência. Nessa versão do mito, é a mulher que faz o amor. E como, para Lacan, “fazer o amor é poesia”, temos aí novamente a poesia no campo do feminino.

**S.A.S.:** O foco narrativo de seus textos, incluindo o mais recente, *O terceiro sexo* (2023), e a opção pelo recurso da onisciência não raro indiciam uma *autora intrusa* – no jargão frio da teoria. Mas, como você mesma afirma na contracapa, sua dicção ensaísta não elide a letra psicanalítica no processo composicional. É uma espécie de *rumor de língua* no sentido barthesiano? Há um ônus para a clivagem entre a psicanalista e a autora?

**L.C.B.:** Não concordo com a ideia de que, no meu texto, haja uma opção pela narradora onisciente, pois justamente essa narradora é aquela que não sabe e que, se ocupa às vezes a terceira pessoa, é mais como aquela que escuta a primeira pessoa e a segunda, (o tu de onde o texto provém, o outro), do que uma narradora onisciente. A terceira pessoa como posição de escuta exercita esse não saber justamente como um saber em fracasso, e por isso as pessoas verbais flutuam, ali. E, sim, é uma espécie de rumor da língua, pois a escritora, no caso, é aquela que “viu coisas grandes demais para seus olhos e ouviu coisas grandes demais para suas orelhas” (Deleuze, 2007). Não penso nisso nem como clivagem entre a psicanalista e a autora, nem como ônus. São lugares diferentes, que se interseccionam, mas não se misturam.

**S.A.S.:** Em *A menina e a bolsa da menina* (2004), surge a experiência da descoberta erótica, com sutileza no manuseio das imagens e da palavra, roçando no poético, inclusive, mas sem concessões. Poderia comentar o desafio de escrever para esse nicho literário, a partir de sua experiência de escuta?

**L.C.B.:** Não surjo na cena da literatura infantil em 2004, com *A menina e a bolsa da menina*, mas bastante antes, creio que em 1994, com *Júlia-Toda-Azul*, que é também um livro em que se coloca claramente a questão da maternidade e do feminino. Antes de *A menina e a bolsa da menina* tenho vários outros livros infantis. Nesse a que você se refere, especificamente, quis fazer uma brincadeira com uma orientanda que queria ganhar uma bolsa de estudos para a França. E, imediatamente, um livro muito bonito de Wander Piroli me veio à mente: *O menino e o pinto do menino*. Nesse livro, Wander brinca, da mesma maneira que eu, com a questão dos gêneros. O menino queria muito um pintinho, desses que as crianças querem, e que depois viram galos ou galinhas e os pais não sabem o que fazer com eles. A bolsa da menina se impôs dessa maneira para mim. As meninas adoram bolsas. E, depois, tem a bolsa de Pandora também... Enfim, escrever para crianças é uma espécie de direito que me dou, às vezes, de cantar, rimar, fazer versos. Funciona mais ou menos como letra de música (tenho algumas) e que ocorre como que num relâmpago, geralmente quando estou muito cansada de ser grande e de ser séria. Sim, parte da minha escuta do mundo infantil, mas não como analista e mais como a criança em mim. É sempre uma espécie de canto.

\*

Lucia Castello Branco concedeu esta entrevista, via *e-mail*, de Belo Horizonte, em 8 de julho de 2024.

\*

## REFERÊNCIAS

CASTELLO BRANCO, Lucia. *A menina e a bolsa da menina*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *Contos de amor e não*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *Júlia-Toda-Azul*. Rio de Janeiro: Vigília, 1993.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *Nunca mais*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *O amor não vazará meus olhos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2006.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *O terceiro sexo (breves ensaios sobre coisas que se parecem espantosamente com o amor)*. Salvador: Amitié Casa Editorial, 2023.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2007.

FELMAN, Shoshana. *La folie et la chose littéraire*. Paris: Seuil, 1978.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo freudiano no Brasil).

LACAN, Jacques. *Seminário, livro 8: a transferência. 1960-1961*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Campo freudiano no Brasil).

PLATÃO. *O banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.